

Plano de Comercialização

Rede Solidária de Mulheres de Sergipe

Aracaju, Sergipe
Setembro de 2025

SUMÁRIO

1. MISSÃO	3
2. HISTÓRICO	3
3. PÚBLICO-ALVO	4
4. ANÁLISE ESTRUTURAL	4
5. ANÁLISE DA MATRIZ SWOT.....	5
6. CONCORRENTE	6
7. CLIENTE	7
8. AÇÕES DE MARKETING	7
9. PLANO OPERACIONAL	8
10. ORGANIZAÇÃO SOCIAL DAS MULHERES	9
DAS ÁREAS DE ABRANGÊNCIA DO PROJETO	
10.1 Alagamar.....	11
10.2 Carmópolis.....	11
10.3 Divina Pastora.....	12
10.4 Japaratuba.....	13
10.5 Poço Verde.....	14
10.6 Povoado Mundéu da Onça, Neópolis.....	15
10.7 Povoado Flexeiras, Santo Amaro das Brotas.....	15
10.8 Povoado Marimbondo, Pirambu.....	15
10.9 Povoado Pontal, Indiaroba.....	15
10.10 Povoado Pontal da Barra, Barra dos Coqueiros.....	16
10.11 Povoado São José da Caatinga, Japaratuba.....	17
10.12 Santa Maria, Aracaju.....	17
11. Plano de Comercialização.....	17
12. Considerações Finais.....	19
13. Ficha Técnica.....	20

1. MISSÃO

Fortalecer nas Comunidades Extrativistas da Mangaba e nos Grupos de Trabalho das Mulheres dos municípios de Carmópolis, Divina Pastora, Neópolis, Pirambu e Poço Verde, integrantes da Rede Solidária de Mulheres de Sergipe, a capacidade de auto-organização, produção, gestão, distribuição e comercialização dos seus produtos alimentares, artesanais e agroecológicos, visando potencializar a geração de renda das famílias envolvidas, ao mesmo tempo em que se promove o reconhecimento de suas identidades culturais, a sustentabilidade e o fortalecimento do senso de pertencimento.

2. HISTÓRICO

As mulheres que integram o Projeto Rede Solidária de Mulheres de Sergipe atuam em diversas frentes: são extrativistas da mangaba, agroecologistas, pescadoras, marisqueiras, donas de casa, artesãs, servidoras públicas, desempregadas, estudantes, entre outras. De maneira geral, encontram nas atividades formativas da Rede uma oportunidade concreta para qualificar saberes e competências adquiridas tanto pela vivência cotidiana quanto pelo processo educativo herdado de geração em geração — muitas vezes, transmitido de mãe para filha.

Não é exagero afirmar que essas mulheres estão engajadas na valorização e aprimoramento dos produtos elaborados em seus territórios e comunidades. Ao investir em qualidade, buscam ampliar as possibilidades de comercialização e distinção social, o que contribui diretamente para o fortalecimento da renda familiar e para a autonomia econômica das mulheres envolvidas.

Ao longo da execução do projeto, as mulheres têm compartilhado que suas atividades estão diretamente ligadas ao sustento das famílias, sobretudo no que se refere à alimentação. Em muitos casos, esses trabalhos são ainda compreendidos como uma “ajuda” ao orçamento doméstico, embora, na prática, durante períodos de crise econômica e desemprego dos companheiros, tenham se transformado na principal — e por vezes única — fonte de renda familiar, sendo complementadas, quando possível, por programas sociais.

As hoje já (re)conhecidas em Sergipe como “Mulheres da Rede” tiveram seus patrimônios culturais — materiais e imateriais — e seus espaços físicos ressignificados ao longo do processo de atuação da Rede Solidária. A forma como se relacionam e se organizam tem como base habilidades e afinidades, sendo comum a inserção de uma mesma mulher em diversos grupos, criados também a partir dos cursos e oficinas promovidos pela Rede. Essa articulação é fruto de uma metodologia ativa e participativa, que envolve diretamente os sujeitos, criando múltiplas possibilidades de atuação, nas quais o conhecimento técnico, as tecnologias sociais, os saberes tradicionais, o investimento financeiro solidário, o afeto e a organização coletiva se articulam para transformar realidades e abrir novos horizontes.

Nessa perspectiva, o desenvolvimento das atividades extrativistas, o processamento de alimentos provenientes da restinga ou dos quintais produtivos, a produção artesanal e o cultivo dos viveiros agroflorestais comunitários — que promovem não apenas o

reflorestamento do solo, mas também das formas de ver e sentir o mundo — têm se consolidado como espaços de intensa socialização e de construção coletiva de agendas sociais. Essas práticas fortalecem vínculos comunitários, promovem a sustentabilidade e reafirmam o protagonismo das mulheres como guardiãs de saberes ancestrais e transformadoras dos seus territórios.

Nesses lugares ainda se encontram diversas riquezas naturais e belas paisagens, em sua maioria, preservadas pela ação das Mulheres da Rede e de seus grupos familiares. Paradoxalmente, enfrentam também muitos desafios como insegurança alimentar, violência doméstica, falta de acesso a direitos humanos básicos etc. Ainda, assim, elas resistem aos percalços e se organizam para participar das atividades, feiras, intercâmbios e cursos de formação. Elas compreendem que, por meio desses espaços, abrem janelas e portas que fortalecem sua autoconfiança, determinação e coragem. Além de proporcionarem melhorias nas condições socioeconômicas, essas ações contribuem também para ampliar a visibilidade de seus saberes, fazeres e conquistas — construídos com as próprias mãos.

3. PÚBLICO-ALVO

Pretende-se atingir os mais variados públicos, a saber:

- 3.1. Clientes de feiras diversas;
- 3.2. Clientes individuais;
- 3.3. Programa de alimentação escolar;
- 3.4. Supermercados;
- 3.5. Farmácias;
- 3.6. Eventos culturais e acadêmicos;
- 3.7. Público de hotelaria e turismo;
- 3.8. Clientes | Grupos de interesse na promoção da soberania alimentar e sustentabilidade.

4. ANÁLISE ESTRUTURAL

Os recursos humanos que compõem os Grupos de Trabalho da Rede Solidária de Mulheres de Sergipe são formados por mulheres diversas, portadoras de saberes e fazeres interculturais, que se articulam também a partir das ações formativas promovidas pelo projeto.

Essas ações têm como foco o fortalecimento das capacidades relacionadas à produção, comercialização e divulgação das linhas de produtos oferecidas pela Rede. Nesse contexto, destacam-se como carro-chefe das vendas:

- Bebidas artesanais, como os licores de frutos variados da restinga e dos quintais produtivos;
- Alimentos tradicionais e processados, como doces, compotas, biscoitos, geleias e trufas;
- Artesanato em diversas técnicas, como palha, algodão, crochê e macramê;
- Renda irlandesa, símbolo da tradição manual e cultural;

- Turismo de base comunitária, valorizando a experiência territorial e a hospitalidade das comunidades envolvidas.

Essas atividades têm garantido não apenas geração de renda, mas também fortalecimento das identidades locais e protagonismo das mulheres em seus territórios.

De modo geral, os recursos financeiros gerados pela comercialização dos produtos das mulheres da Rede ainda são simbólicos, sobretudo quando se considera a necessidade de aquisição de insumos, utensílios e equipamentos. No entanto, a distribuição das atividades é feita de forma coletiva e participativa, permitindo que todas tenham acesso e aprendam sobre as etapas do processo produtivo — desde a coleta do fruto, higienização, processamento e embalagem, até a comercialização, prestação de contas e avaliação das ações, tomando como exemplo a produção dos alimentos.

As mulheres vêm administrando coletivamente os recursos e tomando decisões que consideram pertinentes para seus modos de vida em grupo. Um exemplo vem do viveiro comunitário de Carmópolis, onde foi criado um regimento interno que define dias de produção, divisão de tarefas e gestão dos recursos disponíveis.

Contudo, a estrutura operacional dos grupos ainda é primária, limitada ao uso de equipamentos básicos e utensílios simples. O transporte dos produtos e das mulheres para os pontos de venda é realizado atualmente com o veículo do projeto Rede, essencial para garantir sua presença nas feiras e eventos.

Apesar desses avanços, ainda é possível identificar uma situação de fragilidade operacional no que se refere à logística de distribuição e comercialização. Isso se deve à ausência de recursos financeiros próprios dos coletivos, à falta de infraestrutura física adequada para produção artesanal, organização social mais estruturada e equipamentos apropriados.

5. ANÁLISE DA MATRIZ SWOT

A matriz SWOT, que analisa o ambiente interno (forças e fraquezas) e o ambiente externo (oportunidades e ameaças), foi elaborada coletivamente pelas mulheres durante os seminários realizados com os grupos da Rede. A consolidação das informações se deu a partir da similaridade e complementariedade dos dados apontados pelas participantes, resultando no seguinte quadro:

FORÇAS (STRENGTHS) • Saberes tradicionais e técnicas produtivas consolidadas; • Fortes vínculos comunitários; • Experiência acumulada em feiras, oficinas e capacitações; • Preservação ambiental impulsionada por práticas sustentáveis; • Organização coletiva e autogestão em algumas comunidades.	FRAQUEZAS (WEAKNESSES) • Estrutura física precária para produção e armazenamento; • Baixa capitalização e escassez de recursos financeiros próprios; • Deficiência em equipamentos e tecnologia adequada; • Dificuldades logísticas de transporte e distribuição; • Comunicação ainda deficiente entre as mulheres.
OPORTUNIDADES (OPPORTUNITIES) • Crescente valorização dos produtos artesanais e da agroecologia; • Fortalecimento de políticas públicas voltadas à agricultura familiar e economia solidária; • Apoio de universidades, ONGs e órgãos públicos; • Interesse do mercado por produtos sustentáveis e de origem comunitária; • Expansão da comunicação digital como meio de divulgação e venda.	AMEAÇAS (THREATS) • Pressão da especulação imobiliária sobre territórios tradicionais; • Instabilidade nas políticas públicas de apoio às mulheres e ao meio ambiente; • Baixo acesso a crédito e financiamento coletivo; • Concorrência com produtos industriais; • Mudanças climáticas que impactam diretamente as atividades extrativistas e agroecológicas.

6. CONCORRENTE

A marca dos produtos que compõem as cinco linhas desenvolvidas nas áreas de abrangência do projeto Rede Solidária de Mulheres de Sergipe ainda é recente no mercado. Por isso, encontra-se em processo de construção da identidade e de conquista de seu espaço, em meio a uma concorrência acirrada — tanto com produtos

industrializados, amplamente distribuídos nos pontos de venda, quanto com outros artesanais semelhantes, produzidos nos mesmos territórios do projeto.

Diante desse cenário, a proposta da Rede é posicionar-se de forma competitiva apostando na qualidade dos produtos, na sustentabilidade dos processos, na diversidade das ofertas, com uma comunicação eficaz e, sobretudo, na prática do preço justo como diferencial de mercado.

7. CLIENTE – PESQUISA

De modo geral, em relação aos produtos alimentares e bebidas (licores) identifica-se um elevado grau de aceitação e intenção de compra por parte dos consumidores, demonstrando o reconhecimento da qualidade e do cuidado no preparo dos alimentos elaborados pelas mulheres da Rede.

No que diz respeito às peças artesanais, observa-se um processo de escolha mais criterioso por parte dos compradores. Fatores como a qualidade da matéria-prima e a harmonia das cores são decisivos no momento da aquisição. Ainda assim, algumas peças em palha, crochê e macramê se destacam pelo acabamento e originalidade, assumindo a liderança em aceitação e volume de vendas.

Já a renda irlandesa, em especial a produzida em Divina Pastora, é amplamente valorizada por sua delicadeza estética e elevada complexidade técnica. O preço das peças varia de acordo com o tamanho, o nível de detalhamento dos desenhos, o tempo e os materiais empregados em sua confecção. Ainda assim, trata-se de um produto cujo valor está diretamente relacionado à habilidade, tradição e dedicação artesanal das rendeiras.

Essa mesma lógica se aplica às redes de Malhadinha, cujas tecelãs são também reconhecidas por seu saber-fazer tradicional e singularidade cultural, que conferem autenticidade e distinção às peças produzidas.

8. AÇÕES DE MARKETING

As ações de marketing adotadas pela Rede Solidária de Mulheres de Sergipe são fundamentadas nos princípios do Marketing Social e Ambiental, inserindo-se na perspectiva da Comunicação para a Cidadania, conforme orientações do Plano de Comunicação Participativa (2023). Nesse contexto, o foco da estratégia comunicacional vai além do produto em si, concentrando-se na semântica identitária de todo o processo produtivo.

O que se destaca é a valorização dos elementos históricos e culturais que posicionam as mulheres das áreas de abrangência do projeto como protagonistas, reforçando aspectos como o senso de pertencimento regional, o compromisso com o reflorestamento e a equidade de gênero.

Para alcançar seus públicos, a Rede realiza divulgação estratégica por meio de diferentes canais:

- Redes sociais, programas de TV e rádio;
- Boca a boca, cartazes, carro de som;

- Panfletagem em espaços públicos;
- Comunicação institucional direcionada a órgãos públicos, articuladores sociais e lideranças de Sergipe.

A construção da pauta de comunicação é fruto do diálogo direto com as comunidades e leva em consideração aspectos como:

- Pontos de produção;
- Definição de preços e estratégias de comercialização;
- Desenvolvimento de novas linhas de produtos;
- Embalagens ecológicas e promoções;
- Divulgação da Tabela Nutricional, com informações técnicas validadas pela ANVISA.

Internamente, a comunicação é fortalecida por meio de:

- Dinâmicas de grupo;
- Rodas de conversa;
- Grupos focais;
- Atividades formativas;
- Tempestades de ideias (brainstormings).

O objetivo central é o fortalecimento contínuo da marca, a excelência na interação das participantes entre si e delas com a sociedade, além da valorização da diversidade de produtos ofertados.

9. PLANO OPERACIONAL

Embora possuam inúmeros talentos e um amplo repertório de saberes e fazeres tradicionais, as mulheres inseridas nas áreas de abrangência do projeto Rede Solidária de Mulheres de Sergipe ainda se encontram em processo de amadurecimento organizacional, sobretudo no que diz respeito à estruturação e gestão dos Grupos de Trabalho.

Por esse motivo, o apoio da equipe técnica do projeto tem se mostrado essencial para o fortalecimento da organização coletiva, auxiliando nas práticas de aprendizagem e na operacionalização das atividades, sempre a partir das demandas apresentadas pelas próprias participantes.

As decisões são tomadas de forma coletiva, e as experiências nos diferentes campos de atuação demonstram a importância da autogestão aliada ao suporte técnico:

- Nos viveiros agroflorestais, como o de Carmópolis, foi adotado um sistema de rodízio de tarefas para garantir que todas as participantes tenham acesso ao aprendizado das diferentes etapas. Ainda assim, o acompanhamento técnico é considerado indispensável, especialmente no período de implantação e produção de mudas para o reflorestamento.
- Na produção de alimentos artesanais, as tarefas são divididas entre as mulheres, compreendendo etapas como: aquisição da matéria-prima, higienização dos

frutos, cocção, esterilização das embalagens, resfriamento, pesagem, rotulagem, expedição e higienização do espaço de produção. Todo o processo segue rigorosamente o Manual de Boas Práticas de Fabricação (MBPF) e os Procedimentos Operacionais Padronizados (POP's), assegurando qualidade e segurança dos produtos.

- No campo do artesanato, as atividades são organizadas em reuniões semanais, nas quais ocorrem produções coletivas. A Casa da Rede tem funcionado como espaço físico de apoio, disponibilizando equipamentos, utensílios e insumos. A orientação técnica tem sido crucial para aprimorar a qualidade das peças, definir preços, padronizar embalagens, valorizar a identidade visual dos produtos e gerir coletivamente os recursos obtidos.
- Nos Quintais Produtivos Coletivos, as oficinas de agroecologia exercem papel central, promovendo práticas sustentáveis de cultivo. As tarefas são igualmente distribuídas em rodízio entre as mulheres, que se revezam na limpeza dos canteiros, irrigação, preparação de substratos, plantio, comercialização e gestão. Há consenso quanto à importância da orientação técnica contínua, desde o planejamento do espaço até a escolha estratégica de espécies, visando garantir colheitas ao longo do ano, suprimento alimentar e oportunidades de processamento e comercialização.
- No Turismo de Base Comunitária as mulheres se reúnem e planejam uma agenda detalhada para os visitantes. Selecionam cuidadosamente desde mestras da comunidade que participarão das atividades à trilhas ecológicas, passeios, refeições orientadas pela soberania alimentar de suas comunidades, entre outros detalhes.

Essa dinâmica participativa fortalece não apenas a autonomia produtiva, mas também os vínculos coletivos e o protagonismo feminino na construção de territórios sustentáveis.

10. ORGANIZAÇÃO SOCIAL DAS MULHERES DAS ÁREAS DE ABRANGÊNCIA DO PROJETO

Tomando como referência a importante pesquisa de Conceição Mendonça intitulada *Vivências em rede: avanços e desafios das catadoras de mangaba em Sergipe* (2024), apresentada como dissertação de mestrado na Universidade Federal de Sergipe, é possível afirmar que o projeto Rede Solidária de Mulheres de Sergipe tem desempenhado um papel significativo no fortalecimento da organização social das mulheres participantes.

Parafraseando a pesquisadora, que se apoiou também em relatórios oficiais produzidos pelo próprio projeto (MENDONÇA, p. 141), a atuação da Rede contribui de maneira decisiva para o reconhecimento da identidade das mulheres envolvidas, assim como para conquistas individuais e coletivas. Tais conquistas promovem transformações concretas no cotidiano das participantes — muitas vezes inesperadas ou impensadas anteriormente ao envolvimento com o projeto — extrapolando os âmbitos culturais e econômicos, e se consolidando como processos de empoderamento pessoal e coletivo.

A afirmação da pesquisadora, portanto, demonstra que o projeto atua como catalisador de mudanças estruturais, sustentadas também pelo fortalecimento de vínculos comunitários, pelo reconhecimento das culturas tradicionais e pelo incentivo à autonomia das mulheres em seus territórios.

É consenso entre as mulheres da Rede que as oportunidades geradas pelos conteúdos e pela metodologia ativa-participativa, aliados às ações voltadas à visibilidade das participantes, têm sido fundamentais para fortalecer o senso de coletividade e complementariedade entre elas. Sendo assim, a organização social do presente é, portanto, resultante também das ações desenvolvidas pela Rede Solidária de Mulheres de Sergipe, que fomenta entre as mulheres das áreas de abrangência do projeto, processos reflexivos significativos que impulsionam o protagonismo feminino, ao mesmo tempo em que ampliam a consciência crítica e o comprometimento com os contextos locais.

Em paralelo, essas atividades permitem a construção de uma cartografia social das demandas, ao coletar coletivamente as necessidades, os interesses e as potencialidades dos grupos participantes. Esse mapeamento é a base para o desenho estratégico de ações capazes de enfrentar os desafios impostos pelas múltiplas vulnerabilidades vivenciadas por essas mulheres em seus territórios.

Mais do que formativas, tais experiências revelam-se transformadoras de subjetividades, pois criam possibilidades concretas para a reinvenção das práticas comunitárias, além de promoverem condições de superação de obstáculos históricos. A Rede, assim, configura-se como um espaço vital de fortalecimento individual e coletivo, que contribui para a construção de uma cidadania ativa, territórios sustentáveis e mais equitativos, ainda que o horizonte aponte a necessidade de uma série de trabalhos a serem continuados e até iniciados, dado o fluxo permanente de demandas próprio do tecido social contemporâneo.

Já no âmbito da produção e comercialização de produtos, as ações integram aspectos técnicos, operacionais e financeiros, ao mesmo tempo em que promovem experiências politicamente orientadas pela Economia Solidária e comércio justo. Essas vivências coletivas são entendidas como parte de um percurso educacional, no qual um ecossistema criativo desagua de forma cíclica na aprendizagem, enlaçada ao acolhimento e fortalecimento dos vínculos entre as mulheres. Este ponto do texto é exato para retomarmos a ideia de Mendonça (2024, p. 138), quando ela afirma “dentro de uma lógica feminista e interseccional, que respeita as múltiplas identidades das mulheres catadoras de mangaba, culinárias, agricultoras e artesãs, o Projeto Rede busca trazer à consciência suas potencialidades, respeitando seu ‘lugar de fala’ em cada possibilidade de intervenção na realidade”.

Por último, mas não menos importante, iremos discorrer sobre algumas áreas de abrangência do projeto:

10.1 Alagamar, comunidade remanescente de Quilombo, está situada no município de Pirambu, litoral norte de Sergipe, reconhecida oficialmente pela Fundação Cultural

Palmares e abriga uma rica tradição cultural, territorial e artesanal. Inserida em um ecossistema de mata de restinga e localizada às margens do Rio Brito, Alagamar destaca-se tanto pelo cultivo da mangaba quanto pela produção artesanal com palha de ouricuri, com a qual as mulheres da comunidade confeccionam bolsas, tapetes, cestos e outras peças artesanais, ressignificando ancestralidade e resistência por meio do fazer manual.

Dentro do território de Alagamar, encontra-se também o Assentamento São Sebastião, fruto da luta do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que fortalece a base produtiva e a permanência das famílias no campo, especialmente por meio da agricultura familiar.

Nesse território surgiu a Associação do Território da Comunidade Remanescente de Quilombo Alagamar – ASTECORQUAL, fundada em 2003. Sua criação decorre da mobilização das famílias da comunidade para obter o reconhecimento oficial como comunidade quilombola. O registro foi concedido pela Fundação Cultural Palmares em 2011, garantindo a proteção territorial de 182 famílias, que seguem sobrevivendo da terra, do rio, do extrativismo da mangaba e do artesanato em palha.

Esse reconhecimento não apenas fortaleceu a identidade do grupo, mas também possibilitou o acesso a políticas públicas de fortalecimento da agricultura tradicional e dos saberes locais, permitindo às famílias ampliarem seu protagonismo na preservação ambiental e cultural.

Vale lembrar que Alagamar foi pioneira no beneficiamento da mangaba em Sergipe, tendo iniciado essa prática em 2008 com apoio de oficinas oferecidas pela Secretaria Estadual da Inclusão Social. Outro marco relevante é que a marca símbolo das Catadoras de Mangaba de Sergipe foi idealizada por uma catadora de Alagamar, durante oficina do projeto *Catadoras de Mangaba: Gerando Renda e Tecendo Vida em Sergipe*, em 2011.

Atualmente, a ASTECORQUAL integra o Projeto Rede Solidária de Mulheres de Sergipe, com apoio da Petrobras, Universidade Federal de Sergipe (UFS) e o Movimento das Catadoras de Mangaba de Sergipe (MCM). A associação participa de ações de agroecologia, educomunicação, sublimação e processamento de alimentos, fortalecendo o protagonismo feminino, a Economia Solidária e a resistência quilombola no estado.

10.2 Carmópolis é um município situado no centro-norte de Sergipe, com uma trajetória histórica marcada por transformações culturais. Seu nome atual é uma referência aos padres carmelitas que habitaram a região, embora anteriormente tenha sido conhecida como Bonsucesso e, mais tarde, como Rancho, em alusão ao local onde feirantes repousavam durante suas viagens — hábito que deu origem ao povoamento.

A história de Carmópolis é profundamente entrelaçada com a presença da Petrobras, que iniciou suas operações no município em 1963, promovendo grandes mudanças econômicas e sociais na região. Dois povoados do município se destacam por sua participação ativa no Projeto Rede Solidária de Mulheres de Sergipe:

- Aguada, originalmente formado como um refúgio de afrodescendentes durante o período escravocrata. Seus moradores atuais se reconhecem como

descendentes de comunidades quilombolas, preservando uma rica herança cultural e histórica.

- Palmeiras, cujo nome remonta à antiga *Fazenda Palmeiras*. Hoje é um assentamento, onde as práticas agroecológicas e comunitárias fortalecem os laços sociais e promovem a autonomia das mulheres do território.

A participação desses povoados na Rede Solidária tem contribuído significativamente para o fortalecimento da identidade local, geração de renda e ampliação do protagonismo feminino através de ações em agroecologia, artesanato e educomunicação.

Um exemplo claro dessa trajetória de empoderamento e organização coletiva é a Associação de Mulheres da Rede Artesanal de Carmópolis (ASMURAC). Sua história teve início em 2018, com a formação de grupos de trabalho conduzidos pelo Projeto Rede Solidária de Mulheres de Sergipe, que impulsionou o engajamento das mulheres locais. Três anos depois, em 2021, a ASMURAC foi oficialmente criada e formalizada, consolidando um importante marco para o protagonismo feminino no município.

Desde então, o projeto segue de mãos dadas com as mulheres de Carmópolis, em uma parceria fortalecida pela Petrobras, com o apoio técnico e acadêmico da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e a importante articulação do Movimento das Catadoras de Mangaba (MCM). Ao longo desses anos de atuação conjunta, foram ofertados diversos cursos profissionalizantes e formações em áreas como agroecologia, educomunicação e processamento de alimentos, além de oficinas de saberes artesanais.

Hoje, as mulheres da ASMURAC produzem uma variedade de alimentos artesanais — como licores, geleias, compotas e biscoitos — e se dedicam ao artesanato, confeccionando peças em macramê, crochê, ponto cruz, entre outras técnicas.

Para as integrantes da associação, a ASMURAC representa uma grande conquista: a vitória de mulheres guerreiras que lutaram, com coragem e persistência, para construir e manter um espaço coletivo de geração de renda, identidade e pertencimento.

10.3 Divina Pastora é um município de forte identidade afrodebrasileira, localizado na zona central de Sergipe, dentro da região do Vale do Cotinguiba. Originalmente chamado de Povoado Ladeira, em razão de sua topografia elevada, o local passou a ser conhecido como Divina Pastora devido à influência católica herdada dos povos ibéricos que colonizaram a região.

Sua economia teve como marcos históricos o cultivo da cana-de-açúcar e a pecuária. Posteriormente, com a instalação de unidades da Petrobras, o município experimentou um novo ciclo de crescimento e desenvolvimento. Ao longo dos anos, a localidade também recebeu missionários europeus, cuja atuação contribuiu para o enraizamento da tradição católica local. Foi por meio de missionárias vindas da Irlanda que a “Renda Irlandesa” chegou a Divina Pastora. Essa técnica foi ensinada às mulheres da comunidade, que, por sua vez, repassaram o conhecimento de geração em geração.

Atualmente, é possível notar semelhanças entre a renda produzida em Divina Pastora e a que ainda é feita em regiões da Irlanda, evidenciando os laços culturais entre os dois lugares. Em reconhecimento à importância cultural e histórica dessa prática artesanal, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) concedeu à Renda Irlandesa de Divina Pastora o título de Patrimônio Cultural do Brasil, em 2009.

Hoje, três associações de rendeiras do município integram o Projeto Rede Solidária de Mulheres de Sergipe, por meio do qual recebem formações em agroecologia, processamento de alimentos, design e educação — fortalecendo, assim, tanto a valorização do patrimônio cultural quanto a autonomia socioeconômica das mulheres.

Em Divina, destacam-se as seguintes organizações das mulheres:

a) A Associação das Rendeiras Independentes de Divina Pastora (Asdrin) é a mais recente organização comunitária dedicada à valorização e comercialização da renda irlandesa no município. Formada por cerca de 30 mulheres rendeiras, a associação surgiu da união de artesãs que já produziam e vendiam suas peças de forma autônoma, mas que perceberam a importância da organização coletiva para ampliar suas oportunidades.

O movimento de formação da Asdrin teve início em outubro de 2020, durante o tradicional período da festa de Nossa Senhora da Divina Pastora, padroeira da cidade. A partir desses encontros, as mulheres passaram a se reunir regularmente e, pouco tempo depois, conseguiram alugar uma casa para funcionar como sede da associação.

Desde então, a Asdrin vem se estruturando formalmente, com o propósito de gerar renda de forma coletiva, preservar e fortalecer a técnica artesanal da renda irlandesa, reconhecida por seu valor cultural, beleza e complexidade. A associação representa não apenas um avanço econômico, mas também um marco no fortalecimento da autonomia e identidade cultural das rendeiras de Divina Pastora.

b) A Associação para o Desenvolvimento de Renda de Divina Pastora, Asderen, é a associação mais antiga de Renda Irlandesa da cidade. Criada em 1998 com apoio do Programa Artesanato Solidário, iniciou sua fundação oficialmente em 2000. Se antes elas trabalhavam de forma individual e informal, com a associação puderam se organizar melhor, ter uma sede e até retomarem pontos que haviam sido esquecidos.

c) A Associação dos Artesãos, Pequenos Agricultores, Pecuaristas, Renda Irlandesa, Rendendê e outros Indústria e Comércio de Divina Pastora (APRIC) foi fundada em 2008 por um grupo de mulheres artesãs. A associação abrange vários segmentos de artesanato além da Renda Irlandesa, como o rendendê, crochê, macramê, bordados e ponto cruz. Atualmente, a associação conta com 30 participantes e tem o objetivo de difundir os artesanatos da cidade de Divina Pastora.

10.4 Japaratuba, município situado na região norte do estado de Sergipe, integra o Vale do Cotinguiba e tem seu nome originado do tupi, que significa “terra arenosa próxima à água” — referência direta ao rio Japaratuba, que circunda a cidade. Entre seus povoados, destaca-se Porteiras, onde se concentra a maioria das Catadoras de Mangaba da região. O nome do povoado, segundo as próprias moradoras, surgiu das porteiras de madeira nas entradas das casas, típicas da zona rural onde predominam atividades de agricultura e pecuária familiar.

O território de Porteiras é cercado por mata de restinga, composta por solos arenosos e árvores como a mangabeira, que está no centro da tradição local. A coleta da mangaba não é apenas atividade econômica, mas também cultural, passada de geração em geração, como forma de sustento e identidade coletiva.

A Associação de Catadoras de Mangaba de Japaratuba, sediada no povoado de Porteiras, é resultado de uma trajetória marcada por resistência, luta coletiva e organização. As mulheres, que já atuavam como catadoras e realizavam de forma autônoma o beneficiamento da mangaba, iniciaram um processo de organização a partir de 2010, com apoio do Projeto Catadoras de Mangaba: Gerando Renda e Tecendo Vida em Sergipe, da Petrobras, Universidade Federal de Sergipe (UFS) e o Movimento das Catadoras de Mangaba (MCM).

Nos primeiros encontros, por não possuírem sede própria, as reuniões eram realizadas em escolas, praças e casas de moradoras. Com perseverança e apoio institucional, em 2010 foi possível alugar um espaço para a sede da associação, e em 2014 foi fundada a Unidade de Produção, por meio do mesmo projeto. A partir daí, as mulheres passaram a fortalecer e diversificar os processos de extração e beneficiamento da mangaba, agregando valor ao fruto e ampliando a geração de renda local.

Atualmente, a associação é composta por 28 mulheres, que além de manterem viva a tradição extrativista, atuam também no fornecimento de merenda escolar para as redes públicas de Japaratuba e Pirambu — importantes conquistas socioeconômicas para as famílias da região.

Desde 2018, a associação integra o Projeto Rede Solidária de Mulheres de Sergipe, com apoio da Petrobras, UFS e do MCM. Por meio dessa parceria, as catadoras vêm recebendo formações em agroecologia, sublimação e processamento de alimentos, fortalecendo ainda mais sua atuação em rede e seu protagonismo nos territórios tradicionais.

10.5 Poço Verde

Localizado na região Centro-Sul de Sergipe, Poço Verde é um município a 145 km da capital Aracaju. De acordo com relatos dos moradores, seu nome surgiu a partir de uma fazenda que era assim identificada devido a um poço existente em seu interior, o qual mesmo em períodos de estiagem, mantinha a superfície esverdeada. Na região se cultiva milho, arroz e hortaliças. A arte da tecelagem possui grande relevância para a geração de renda, principalmente para as mulheres do povoado Malhadinha, que tem suas origens ligadas a uma antiga fazenda que abrigava uma malhada — um cercado onde se cultivava feijão de corda e milho.

Esse elemento marcante da paisagem rural deu origem ao nome "Malhadinha", que permanece até hoje. Atualmente, o povoado possui 56 famílias e se destaca como um espaço de cultura e empreendedorismo. Essa iniciativa teve início no final da década de 1990, liderada por dona Rosa Fernandes, presidenta da Associação Comunitária. Dona Rosa enxergou na tecelagem uma oportunidade de geração de renda para si mesma e para as mulheres do povoado, promovendo autonomia e valorização cultural.

10.6 Povoado Mundéu da Onça, Neópolis

O povoado Mundéu da Onça foi criado a partir da união coletiva e comunitária de famílias dos arredores do município sergipano de Neópolis. De acordo com suas moradoras, Mundéu era um lugar muito isolado, que ninguém conhecia e por isso as oito famílias que iniciaram sua construção colocaram esse nome. Elas viviam de forma comunitário, moravam em casas de taipa e palha, cultivavam mandioca, criavam galinhas, porcos e coletavam mangaba.

A chegada da Igreja Católica ao povoado Mundéu da Onça foi um marco que impulsionou a organização comunitária. Por meio dessa união, os moradores fundaram a Associação de Moradores do Povoado Mundéu da Onça, com o objetivo de reivindicar seus direitos. Essa mobilização coletiva resultou em uma importante conquista: a negociação com um usineiro, que cedeu parte das terras do povoado, garantindo que as famílias não corressem o risco de despejo.

10.7 Povoado Flexeiras, Santo Amaro das Brotas, uma antiga vila de pescadores e agricultores que tinham a tradição cultural de “tirar flecha de foguete”, uma prática herdada dos ancestrais que migraram do município de Rosário de Catete. Quando chegavam as pessoas diziam: lá vem as flexeiras!

Fundada em setembro de 2021, a Associação de Desenvolvimento Comunitário dos Povoados Flexeiras, Curral do Meio e Boa Fé surgiu com o propósito de mobilizar os moradores dessas localidades em busca de melhorias, promover cursos e viabilizar recursos para festividades comunitárias.

10.8 Povoado Marimbondo, Pirambu é uma comunidade formada por camponeses e pescadores, próximo a margem esquerda do Rio Japaratuba, em meio a uma topografia íngreme, com forte religiosidade popular. O povoado é referência em Sergipe por ser uma das mais antigas comunidades da região de Japaratuba e Pirambu. O padroeiro de Marimbondo é São João, com forte presença de festejos juninos, incluindo o tradicional folguedo Festa das Caretas e o Reisado de Marimbondo que, segundo testemunho de Antônio Sabal, e reiterado pelo professor Claudomir, fora fundado em 1806 por seus ancestrais, sendo o mais antigo da Capitania de Sergipe del Rei.

O grupo de mulheres que hoje integra a Associação de Mulheres do Povoado Marimbondo formou-se a partir do contato com o Projeto Rede Solidária de Mulheres de Sergipe. Desde então, o grupo realiza encontros regulares no salão anexo à igreja católica local, onde ocorrem reuniões e oficinas promovidas pelo projeto. Essas atividades têm fortalecido a união das mulheres, gerado oportunidades de aprendizado e contribuído para o desenvolvimento social e econômico da comunidade.

10.9 Povoado Pontal, Indiaroba é assim nomeado por se localizar numa ponta de terra cercada por rios, no Sul de Sergipe, formando uma espécie de ilha. Surgiu como acampamento de pescadores, que ali montavam lonas e palhas, cozinhavam, salgavam o peixe para conservá-lo e permaneciam no local durante o período de pesca.

Nesse percurso, passaram a fixar moradia. Quando o tempo não permitia a pesca, era comum ir ao “mato” em busca de caça e frutas. Foi nesse contexto que as famílias

descobriram a mangaba, fruta pouco valorizada comercialmente na época, mas fundamental na alimentação local.

Hoje, uma das principais lutas do território é pelo direito à área de pesca e aos espaços onde crescem as mangabeiras, frequentemente ameaçados por construções e pela especulação imobiliária que avança sobre os territórios tradicionais.

Foi nesse espaço que surgiu a Ascamai, cujo processo de organização iniciou-se em 2002. Naquele tempo, a cata da mangaba era uma prática individual, fonte de sustento familiar para muitas mulheres. A realidade começou a mudar quando duas pesquisadoras interessadas em biodiversidade e sociologia entraram em contato com as catadoras. Por meio de encontros e seminários, essas mulheres passaram a se enxergar como um coletivo com identidade: as *Catadoras de Mangaba*.

Perceberam, também, que a cata da mangaba era uma atividade presente em diversos povoados da restinga sergipana, majoritariamente exercida por mulheres. Em 2007, após o I Encontro das Catadoras de Mangaba, promovido pela Embrapa, fundaram o Movimento das Catadoras de Mangaba de Sergipe. Em 2009, nasceu a Ascamai, primeira associação estadual do segmento, com sede em Pontal, construída com apoio da UFS, do projeto *Catadoras de Mangaba, Gerando Renda e Tecendo Vida em Sergipe* e da Petrobras.

Desde então, a associação tem crescido e se fortalecido, sendo proponente de diversos projetos. Com apoio contínuo da Petrobras, da UFS e de parceiros institucionais, a Ascamai atua há mais de uma década com foco em agroecologia, educomunicação, sublimação, e processamento de alimentos — em parceria com o Projeto Rede Solidária de Mulheres de Sergipe, consolidando-se como referência estadual na valorização dos saberes e fazeres do extrativismo sustentável realizado por mulheres.

10.10 Povoado Pontal da Barra, Barra dos Coqueiros, território formado pela migração de várias famílias que viviam num local próximo à Pontal da Barra. Conhecido como Ilha do Rato, o lugar era precário, alagava com frequência, o que gerava perdas consideráveis para as famílias de pescadoras, que já viviam em situação de vulnerabilidade social. Em 2015 foi publicada no Diário Oficial da União (DOU) a Portaria do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) o reconhecimento do Pontal da Barra como território quilombola, constituindo-se numa área de 325 hectares. Atualmente, o quilombo abriga mais de 150 famílias de pescadores, descendentes de indígenas e de negros. Convivem diariamente com os desafios gerados pela especulação imobiliária, que assola a região, ameaçando tanto as espécies marinhas, bem como as áreas extrativistas.

A Associação do Território da Comunidade Remanescente de Quilombos Pontal da Barra foi fundada em 24 de abril de 2011. Essa criação marcou um passo decisivo na luta pela regulamentação e defesa do território quilombola, reconhecido pela Fundação Cultural Palmares como remanescente quilombola. Essa organização surgiu como Cooperativa de Pesca e Agricultura do Pontal da Ilha. Atualmente, reúne mais de 150 pessoas e desempenha papel essencial na preservação da cultura, na defesa dos direitos territoriais e na promoção de ações comunitárias.

10.11 Povoado São José da Caatinga, Japaratuba

Quando as famílias chegaram em São José, o povoado era um local ermo. De acordo com as mulheres que fazem parte do projeto e que moram no povoado há mais de 40 anos, lá Nap havia energia elétrica, água ou casa de alvenaria. Porém, as famílias que saíram de seus municípios e de outros povoados em busca de terras para plantar e colher, uniram-se, tornando-se solidárias. Construíram o povoado transformando São José numa grande família. O nome do povoado vem do auxílio do Padre Geraldo, que segundo as mulheres, levou muitos benefícios para as famílias de São José, inclusive comprando e doando terras para as famílias permanecerem no local.

A Associação de Moradores de São José da Caatinga nasceu em 1999 com o propósito de unir os moradores em busca de melhorias para o povoado, promover cursos e viabilizar recursos para a realização das festividades. Uma das grandes tradições da comunidade é o Reisado São José, manifestação de cultura popular que reflete a riqueza cultural local. A Associação também se destaca como um importante ponto de cultura, desempenhando papel fundamental na recuperação e valorização das manifestações culturais presentes no território.

10.12 Santa Maria

Localizado na periferia de Aracaju, o bairro Santa Maria era conhecido como Terra Dura, por ter sido uma localidade escolhida para abrigar migrantes do interior de Sergipe e moradores das primeiras favelas da capital. O bairro foi sendo constituído desde a década de 80, recebendo famílias que muitas vezes não tinham para onde ir. Além disso, as Catadoras de Mangaba que fazem parte da Associação de Catadoras e Catadores de Mangaba Padre Luiz Lemper (ACCMPLL) afirmam que havia uma parte em que a terra era dura no sentido de não conseguirem plantar.

A Associação de Catadoras e Catadores de Mangaba Padre Luiz Lemper (ACCMPLL) foi fundada em 2017, mas a atividade extrativista da mangaba no bairro Santa Maria, em Aracaju, tem mais de 80 anos de história e resistência. A criação da Associação foi uma resposta às ameaças de perda do território, em meio ao avanço acelerado da especulação imobiliária na região. A mobilização liderada pelas catadoras de mangaba, suas famílias e o missionário Uilson de Sá culminou na fundação da Associação, vista como um instrumento essencial na luta pela defesa do território. Essa reserva extrativista carrega uma história geracional passada de mães e pais para filhos e filhas. Hoje, mais de 50 famílias vivem na área, sobrevivendo da coleta e do beneficiamento da mangaba.

11. Plano de Comercialização

11.1.Introdução

As mulheres que formam a Rede Solidária constroem de forma permanente um movimento articulado. Nesse percurso, elas assumem diferentes identidades: pesquisadoras de materiais e tecnologias sociais, empreendedoras, trabalhadoras autônomas, artesãs, agricultoras familiares, extrativistas, lideranças comunitárias, mães, filhas, esposas etc. Elas unem forças para superar desafios comuns e conquistar

espaço no mercado, tarefa permeada de avanços e recuos e que demanda metas e estratégias próprias para o alcance dos objetivos que o negócio Rede demanda.

11.2 Justificativa

É com base no contexto acima que esse Plano de Negócios se justifica, ao tempo que considera o fato de que Sergipe apresenta índices relevantes de desigualdade de gênero e alta taxa de mulheres em ocupações informais. Compreende que muitas mulheres empreendem por necessidade, mas enfrentam barreiras de acesso a crédito, capacitação e mercados. Tem como ponto de partida o fato de que a Economia Solidária tem se mostrado um caminho viável para fortalecer redes locais de produção e consumo consciente. E, por último, mas não menos importante, considera que o fortalecimento da Rede Solidária de Mulheres de Sergipe amplia a autonomia econômica, reduz a vulnerabilidade social e contribui para o desenvolvimento sustentável.

11.3 Objetivos

Geral

Impulsionar os negócios da Rede Solidária de Mulheres de Sergipe, a inclusão produtiva e a geração de renda sustentável.

Objetivos

Específicos

- Oferecer formação continuada em gestão, empreendedorismo e Economia Solidária;
- Apoiar a produção coletiva de bens e serviços;
- Criar canais de comercialização e divulgação conjunta;
- Estimular a autonomia financeira e o protagonismo feminino;
- Fortalecer vínculos de solidariedade e apoio mútuo entre as mulheres participantes.

11.4 Público-alvo

Consumidores conscientes que valorizam a ética, a sustentabilidade e o apoio a produtoras cujos produtos garantam melhores condições de trabalho e preços justos a suas criadoras e suas famílias.

11.5 Produtos e serviços

- a) Formação e Capacitação:
- Oficinas de gestão de negócios, finanças e marketing digital;
 - Cursos de design de produto, qualidade e inovação;
 - Produção de reels educativos que comuniquem claramente os valores da marca Rede, os processos de produção sustentáveis e o impacto positivo gerado junto às comunidades e gerações futuras;
- b) Produção Coletiva:
- Artesanato regional (bordados, crochê, bijoias, cerâmica);
 - Alimentos e Natureza (doces, pães, comidas típicas, produtos naturais);
 - Serviços coletivos (catering, costura, estética, Turismo de Base Comunitária).

c) Comercialização:

- Impulsionamento da marca da Rede Solidária de Mulheres de Sergipe através de campanhas que divulguem a jornada do produto, oferecendo boas imagens, fotografias e descrições que ressaltem o impacto social e ambiental positivo dos produtos;
- Campanhas promocionais em datas estratégicas;
- Participação em feiras e eventos culturais;
- Atualização da Plataforma de e-commerce;
- Apoio a causas sociais ou ambientais que se alinhem com os valores da Rede, visando também fortalecer a conexão com seu público de interesse;
- Parcerias com lojas solidárias e pontos de venda institucionais.

11.6 Estratégia de Mercado

a) Posicionamento: Rede Solidária que oferece produtos artesanais, diversos e sustentáveis, que expressam a identidade cultural sergipana.

b) Diferenciais:

- * Produção local e artesanal.
- * Impacto social positivo.
- * Rede liderada por mulheres extrativistas, artesãs, bordadeiras, tecelãs e agroecologistas.

c) Canais de Divulgação:

1. Website da Rede
2. Lojinha Virtual (e-commerce)
3. Redes sociais (Instagram, Facebook, WhatsApp Business)
4. Folhetos e catálogos digitais e físicos
Participação em feiras estaduais e nacionais
5. Marketplaces, pontos de venda das mulheres nos seus bairros e povoados
6. Realização de eventos e reuniões sistematizadas nas Associações ligadas à Rede.

11.7 Cronograma

- Impulsionamento mensal da marca da Rede Solidária de Mulheres de Sergipe: trabalho atrelado as campanhas promocionais e de pontos de venda;
- Campanhas promocionais: realizadas no Dia Internacional da Mulher; Dia das Mães; Dia dos Pais; Mês da Consciência Negra e no Natal. Serão compostas de: formulação de kit de venda; reels para Instagram e Facebook; imagens para status de WhatsApp e Story e Sorteios;
- Participação mensal em Feiras e eventos culturais;
- Atualização bimestral da Plataforma de e-commerce;
- Parcerias mensais com lojas solidárias e pontos de venda institucionais.

12. Considerações Finais

A Rede Solidária de Mulheres de Sergipe propõe um modelo inovador de desenvolvimento local, com base na Economia Solidária e no protagonismo feminino. O fortalecimento do negócio que o projeto promove, a partir dos produtos elaborados

pelas atrizes sociais que integram o trabalho contribui para transformar realidades, gerar renda e reduzir desigualdades sociais. Tudo isso promove um ciclo virtuoso de solidariedade, autonomia e sustentabilidade. Através desse Plano de Negócios espera-se que a sistematização dos processos abra clivagens para novas formas de se pensar e expressar a circulação dos saberes e fazeres das mulheres, uma vez que os produtos levam muito de suas histórias e agendas sociais. E, como consequência, fortalecem a vida no tempo presente e a das gerações futuras.

13. Equipe Técnica e Comunidades

Ana Paula Machado

Dijna Torres

Maria da Conceição Mendonça

Mirsa Barreto

Rita Simone Barbosa

Representantes diversas das comunidades participantes do projeto Rede Solidária de Mulheres de Sergipe.